

Idolatria e o pensamento moderno de Paul Tillich

Pesquisador: Edson Carlos de Souza Lima

Orientador: Prof. Vanderlei Gianastácio

Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Departamento de graduação em Teologia

Eixo Temático: Teologia

Categoria: Pôster

RESUMO

Este trabalho apresenta uma observação do significado da palavra idolatria usado nos períodos bíblicos do Antigo e Novo Testamento e o significado atual desta palavra a fim de esclarecer ou contribuir para que haja uma compreensão do termo tão usado no mundo cristão contemporâneo. Para isto vamos comparar os textos bíblicos e o pensamento moderno e Paul Tillich bem como todo panorama histórico onde a palavra teve menção nos textos bíblicos. Este trabalho é essencialmente de caráter religioso cristão, cabendo apenas abordagens no campo do sagrado em nossas vidas. O objetivo é compreender a abrangência do vocábulo idolatria dada sua relevância para que a atitude idólatra seja adequadamente evitada sem que o sujeito renuncie a praticas que nada tem haver com o termo. A justificativa é a relativa facilidade que temos em nos envolver em processos que levam a idolatria. O problema geralmente acontece devido à falta de ref lexão com relação ao significado do termo. A priori a idéia de idolatria no mundo contemporâneo traz um conceito razo de adoração de imagens. A questão é, no entanto, saber se o problema da idolatria está somente nas imagens (ídolos) ou em seu sentido mais profundo e semântico do nosso relacionamento com Deus. Utilizamos o método de pesquisa bibliográfica usando como referencial teórico autores que conceituam o valor semântico do vocábulo idolatria em contraste com os textos bíblicos. O que temos de materiais disponíveis é o próprio texto bíblico em suas versões traduzidas por João Ferreira de Almeida, Nova Versão Internacional, os dicionários bíblicos, dicionários etimológicos da Língua Portuguesa, panorama das instituições no Israel antigo e texto de Paul Tillich sobre a dinâmica da fé. Temos a pretensão de cruzar as informações com relação ao sentido semântico da palavra idolatria, desde sua menção primeira no texto bíblico, o significado por ocasião dos relatos contrastando com o panorama histórico da época, avaliando o significado com o pensamento filosófico moderno de Paul Tillich.

Assunto: A palavra idolatria e seu emprego na atualidade

Titulo: O significado da palavra idolatria no mundo antigo dos períodos bíblicos do antigo e novo testamento em contraste com o pensamento moderno de Paul Tillich.

Objetivo: Compreender a abrangência que há no vocábulo idolatria tanto nos períodos bíblicos como na atualidade podendo comparar o sentido que a palavra oferece em cada momento.

Relevância do titulo: Uma atitude idolatra deve ser evitada para que o sujeito viva de forma sadia, assim, ela merece ser mais bem compreendida com o objetivo de identificar os processos a serem realmente descartados do nosso cotidiano.

Justificativa: As relativas facilidades que temos em nos envolver com processos que culminam em praticas idólatras e a rejeição divina das mesmas, nos orientam a observar o significado real de idolatria com a finalidade do exercício de uma fé mais autêntica.

Problema: A falta de reflexão quanto ao sentido real da palavra idolatria tem diluído a sua relevância para uma espiritualidade verdadeira e sóbria.

Hipótese: A priori a idéia de idolatria no mundo contemporâneo traz um conceito razo de adoração de imagens. A questão é, no entanto, saber se o problema da idolatria está somente nas imagens (ídolos) ou em seu sentido mais profundo e semântico do nosso relacionamento com Deus.

Metodologia: Pesquisa bibliográfica

Referencial teórico: Autores que conceituam o valor semântico do vocábulo idolatria em contraste com os textos bíblicos.

Corpus ou corpora – objeto de pesquisa: Conteúdo bíblico, comentários bíblicos, dicionários gerais e etimológicos e textos de Paul Tillich.

Pesquisas atuais a respeito do assunto e qual bibliografia será utilizada: O que temos de materiais disponíveis é o próprio texto bíblico em suas versões traduzidas por João Ferreira de Almeida, Nova Versão Internacional, os dicionários bíblicos, dicionários etimológicos da Língua Portuguesa, panorama das instituições no Israel antigo e texto de Paul Tillich sobre a dinâmica da fé. Temos a pretensão de cruzar as informações com relação ao sentido semântico da palavra idolatria, desde sua menção primeira no texto bíblico, o significado por ocasião dos relatos contrastando com o panorama histórico da época, avaliando o significado com o pensamento filosófico moderno de Paul Tillich.

IDOLATRIA

INTRODUÇÃO

O que haveria de ser do cristianismo se a rede de pesca do barco de Pedro, João e Thiago fosse entendida, na época, por um objeto mágico e cheio de poder para atrair os peixes? Ainda, se as palavras que Jesus

utilizou fossem entendidas como palavras mágicas, o que seria do futuro da fé cristã? Por alguma razão os discípulos compreenderam que o poder estava com Jesus e não com a rede ou ainda com as palavras mencionadas. Quando convidados a seguirem Jesus, eles não se desviaram de suas palavras, antes deixaram tudo e o seguiram. Ficamos às vezes nos perguntando com relação ao entendimento da fé que exercemos, porque será que o Deus pregado no Cristianismo não admite imagens de si? Observamos que várias nações da época dos períodos bíblicos descritos adoravam as imagens representativas de seus deuses, por que Israel (povo eleito de Deus) não podia representá-lo com nenhuma obra ou objeto? O que tem os ídolos e a atitude idólatra em termos culturais que tanto ofende a Deus? Para responder estas perguntas ou tentar contribuir para uma resposta futura do que significa ter uma atitude idólatra é que nos propomos a este estudo. Buscaremos, também, compreender o sentido semântico da palavra idolatria

A ABRANGÊNCIA DO SIGNIFICADO DA PALAVRA IDOLATRIA

O significado geral encontrado nos dicionários da Língua Portuguesa no Brasil, tais como o Aurélio, para a palavra idolatria vão defini-la como um substantivo feminino que denota um sentido de adoração de ídolos, veneração a este ídolo, amor em excesso, como o próprio ato de adorar, tendo ainda haver com paixão exagerada por alguma coisa. Já os dicionários etimológicos da Língua Portuguesa irão interpretar a palavra idolatria como uma palavra adaptada do latim *idololátra*, com *haplogia* e, este, do grego *eidololátra* (idolátra). O idólatra é definido como uma pessoa que é adoradora de ídolos em geral e o termo provém do latim *idololátra*, dando idólatra em lugar de idololátra, provém também do grego *eidolon* do seu plural *eidola*, (ídolos) e *latra* de *latreuo*, (adoro), ficando assim, sem a mesura, adora-ídolos. Também temos os dicionários e comentários bíblicos que de modo bastante legítimo tratam o termo idolatria sob dois aspectos bem interessantes no Antigo e Novo Testamento Bíblico como veremos a seguir.

A IDOLATRIA NO ANTIGO TESTAMENTO

A idolatria mencionada no Antigo Testamento não pode ser vista como um meio progressivo de adoração onde o Deus único e verdadeiro estaria se revelando de forma gradual aos povos. Deus não quis que a humanidade fosse educada com os rudimentos de uma figura (um ídolo) para depois se apresentar substituindo-os. Em lugar nenhum nos textos bíblicos poderemos encontrar citações que sustentem esta posição. Porém, há quem defenda alguns acontecimentos, todos com Jacó, que poderiam

parecer mostrar idolatria entre os patriarcas. São eles o fato de Raquel, esposa de Jacó ter escondido na bagagem uma imagem doméstica de tamanho pequeno (terafim) em (Gn31.19), ao deixar a sua terra na mesopotâmia para retornar com Jacó à Canaã a fim de estabelecerem sua família. Nesta passagem podemos perceber (e os recursos arqueológicos que temos hoje apontam para isto), que o objeto tinha um valor financeiro mais do que religioso, pois se tratava de um símbolo de posse territorial e financeiro da família. Outro fator é que Jacó erguia pilares de pedra como memorial de alguns votos feitos a Deus. Alguns afirmam que os pilares de Jacó são semelhantes aos dos Cananeus da terra, porém os textos deixam entender que sua dedicação tinha um alvo bem definido como vemos em (Gn 28.18; 31.13,45; 35.14,20) todos estão associados com o voto de Jacó (Gn 31.13). A Lei manifestada por Deus no Monte Sinai a Moisés é de natureza anti-imagem, mas, em (Ex 32) o bezerro de ouro é venerado como Deus pelo povo enquanto Moisés estava ausente, isto despertou a ira divina. Mais tarde Moisés advertiu o povo que a revelação de Deus não dava vazão as formas para que o povo não viesse a corromper-se com imagens esculpidas (Dt 4.12), o que é bastante coerente com o segundo mandamento do decálogo Mosaico. Esta maneira de adoração não tinha paralelo com nenhuma outra religião da época, pois, todas tinham suas imagens, o que pode ser evidenciado pelo grande numero de ídolos encontrados em sítios arqueológicos em nossa atualidade, em contraste com a escassez destes em Israel ou entre os Hebreus no mesmo período. Na história narrada no livro de Juízes parece que o autor escreve de forma a demonstrar o que acontece com a nação de Israel quando esta se envolve com a idolatria. É importante observar que os Hebreus sempre tomam emprestados os símbolos de adorações pagãs para com eles praticarem a idolatria, fato que evidencia que dentro da sua religião havia bloqueios contra a cultura de adoração de imagens. Foi na monarquia que as praticas idólatras tomaram lugar de destaque até que foram subjugados pelos seus inimigos passando um longo período de cativo. O processo começou com a divisão do reino após a morte de Salomão filho de Davi o que originou as tribos do Norte (Israel) e do Sul (Judá). Nota-se que a primeira medida adotada pela tribo do norte foi construir um altar para adoração sem a devida orientação divina. Após este fato Israel mergulhou num processo cada vez mais acelerado de idolatria que acabou influenciando Judá. Mesmo com as profecias declaradas por muitos profetas da época, Israel, como um todo, padeceu com a repreensão divina de seus atos de desobediência (Jr 3.6-10). Um texto de citação de Dicionário bíblico diz da seguinte forma a respeito da idolatria:

a polemica do AT contra a idolatria, levada a efeito principalmente pelos profetas e salmistas, reconhece as mesmas verdades que o

apóstolo Paulo mais tarde afirmou: que o ídolo nada é, mas que, não obstante, há uma força espiritual demoníaca que deve ser levada em consideração, e que o ídolo, por conseguinte, constitui uma ameaça espiritual positiva (I Co 8.4; 10.19,20)...” e comenta também que “...Isaias, que usualmente leva seu ataque contra os ídolos até o ponto da zombaria, estava bem consciente desse mal espiritual. Ele sabia que existe apenas um Deus (44.8), mas mesmo assim, ninguém podia tocar num ídolo, embora “nada” fosse, sem ficar afetado. O contato do homem com o deus falso o infecciona com uma cegueira espiritual mortal no seu coração e em sua mente (44.18). embora aqui que o idólatra adore não passe de “cinzas”, está eivado de veneno que ilude espiritualmente (44.20). Aqueles que adoram aos ídolos se tornam semelhantes a eles (Sl 115.8; Jr 2.5; Os 9.10). por causa da realidade do poder maligno por detrás do ídolo, esse é uma abominação (to’ ev) para Javé (Dt 7.25), uma coisa detestável (shiqts) (Dt 29.17), e é o mais grave dos pecados, o adultério espiritual (Dt 31.16; Jz 2.17; Os 1.2). não obstante existe um único Deus.

O que se pode observar do Antigo Testamento bíblico é que o sentido semântico de idolatria parece ter mais significado do que o simples fato do adorador inclinar-se diante de uma imagem. Em vista do relacionamento proposto com Israel, enquanto nação escolhida há um furor divino que reclama uma fidelidade relacional com seu povo a quem Ele libertou do Egito e conduziu pelo deserto instruindo-os para uma vida relacional com Ele mesmo. O que temos então é descrito como adultério espiritual, abandono de relacionamento e atribuição dos feitos de Deus a outros deuses, objetos feitos por mãos de homens que expressam de forma mais maleável um tipo de relacionamento luxurioso o qual Deus nunca autorizou.

A IDOLATRIA NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento afirma de igual modo à questão do perigo da idolatria embora se refira sempre aos Gentios (não Judeus). Parece, portanto, que Israel aprendeu a lição dada por Deus contra a idolatria. Há em Israel, por ocasião do ministério de Jesus, uma forte rejeição as imagens de ídolos sejam quais forem, conforme demonstra os registros das “Guerras Judáicas” descritos por Flávio Joséfo, historiador contemporâneo daquela época: *“Enviado por Tibério como procurador da Judéia, Pilatos introduziu em Jerusalém, durante a noite e às escondidas, as imagens de César conhecidas como estandartes. Quando amanheceu, isso causou uma enorme perturbação entre os judeus”* (G.J. 2.169-74). Este episódio ficou conhecido como uma das maiores expressões de rejeição as imagens, pois, um grupo de judeus preferiu entregar-se a morte, quando

cercados por Pilatos , a aceitarem a colocação da imagem de César. Isto fez com que Pilatos ordenasse a retirada da imagem na época. Embora aos poucos esta resistência fosse rompida, fica evidente que havia um contragosto judaico em relação às imagens.

No Novo Testamento o apóstolo Paulo é quem dá uma noção um pouco mais abrangente ao termo idolatria partindo da revelação do Deus verdadeiro aos antepassados judeus e não judeus e de como sua glória pode ser vista pelos próprios fenômenos da natureza. Deus faz aparecer, segundo menciona Paulo, em suas obras suas perfeições invisíveis, seu poder eterno e sua divindade, mas os homens postos na presença do criador na qualidade de criaturas, por orgulho recusaram-se a glorificá-lo como Deus e a render-lhe graças (Rm 1.18-25). No NT assim como no AT a palavra ídolo designa as atividades pagãs e suas imagens, são opostos ao Deus vivo que criou o céu, o mar e todos os seres (At 14,15; Gl 4,8; lts 1,9; IJo 5,20). Mas, como diz o dicionário bíblico *“o NT reconhece, entretanto, que o perigo da idolatria existe mesmo quando [dolos materiais não são dispon]veis: a associação de idolatria com pecados sexuais, em Gl 5.19,20, deve ser ligada com a equiparação entre a cobiça e a idolatria (ICo 5.11; Ef 5.5; Cl 3.5), pois ao falar em cobiça, Paulo certamente significa cobiça sexual (cf. Ef 4.19; 5.3; lts 4.6, em grego; ICo 10.7, 14)”*. O apóstolo João adverte, também, que qualquer desvio da revelação de Deus em Jesus Cristo é idolatria (IJo 5.19-21). Um ídolo pode ser compreendido, assim, como algo que exige lealdade, a qual pertence exclusivamente a Deus (Is 42.8).

A IDOLATRIA SEGUNDO PAUL TILLICH

Pensadores, como Paul Tillich, também fizeram suas contribuições na compreensão do sentido da palavra idolatria no mundo moderno. Em seu livro *Dinâmica da fé* Paul Tillich descreve o que ele considera ser uma fé idolatra. Segundo ele *“Fé é estar possu[do] por aquilo que nos toca incondicionalmente”* e não existe fé sem conteúdo que a preencha, pois, a fé sempre se dirige para algo determinado. Afirma que há incondicionalidade falsa e verdadeira no processo do ato de crer e nesse ponto o autor faz uma declaração digna de apreciação, pois, comenta que:

as coisas finitas que ilusoriamente reivindicam infinitude para si, como por exemplo, a nação ou vencer na vida, não tem a capacidade de superar a separação de sujeito e objeto. Aqui se trata sempre de um objeto, ao qual o crente se dirige como um sujeito. Ele o pode alcançar com os meios cognitivos comuns e com ele lidar com os métodos usuais. Naturalmente existem muitas diferenças de grau no campo infinito de valores que falsamente reclamam à categoria de incondicional. A nação, por exemplo, se aproxima mais do

incondicional do que o sucesso na vida. O delírio nacionalista pode gerar um estado em que o sujeito é quase tragado pelo objeto. Mas algum tempo depois ele ressurgue sóbrio, rejeitando agora com ceticismo e crítica descomedidas as justas reivindicações da nação. Quanto mais a fé se transforma em idolatria, menos ela consegue superar a separação de sujeito e objeto. Pois esta é a diferença entre a fé verdadeira e a falsa: na fé verdadeira a preocupação incondicional é o estar tomado pelo que é verdadeiramente incondicional; a fé idólatra, em contraste, eleva coisas passageiras e finitas à categoria de incondicionais.

Paul Tillich afirma com isso que a frustração do indivíduo ao decepcionar-se com a fé pode levá-lo a uma crise existencial. Considera uma fé objetiva aquela que superou em si o perigo da idolatria e está dirigida para o que é verdadeiramente incondicional. Comenta que:

a idolatria não tem continuidade. Ela pode estar carregada de paixão e exercer poder integrador. Ela pode curar e levar a personalidade à unidade. Os deuses do politeísmo possuíam poderes de cura, não apenas no sentido mágico, mas também como transmissores de renovação genuína. Também os objetos da idolatria secularizada moderna, como a nação ou vencer na vida tem capacidades terapêuticas, não apenas pela fascinação mágica de um líder, de um slogan ou de uma promessa, mas também pelo fato de criarem tarefas e uma vida provida de sentidos para impulsos que de outro modo não poderiam realizar-se. Mas a base dessa integração é muito estreita. A fé idólatra desmorona mais cedo ou mais tarde, e a miséria se torna pior do que antes”.

Cedo ou tarde desaparece o poder orientador do espírito porque o objeto a que se dirigia perdeu seu poder de convencer e a paixão da fé se transforma num suportar de dúvidas não superadas e em desespero, sendo que em muitos casos o último recurso é a fuga para a neurose ou a psicose. O autor comenta que: *“a fé idólatra desintegra e destrói mais do que a indiferença exatamente porque ela é fé e pode provocar uma integração passageira”*. A adoração idólatra, neste caso, pode trazer distúrbios a vida do sujeito, segundo Tillich.

CONCLUSÃO

Portanto, podemos observar que o processo que dá origem a idolatria tem haver com a maneira de nos comportarmos diante da figura do divino em nossas vidas. Observações como a de Paul Tillich podem ser associadas com a dos apóstolos como Paulo e João no Novo Testamento, quanto as suas advertências. Podemos perceber como o processo de

compreensão da idolatria evoluiu de significado da simples adoração de um símbolo (ídolo) para um bloqueio a verdadeira adoração da essência de Deus. O símbolo idólatra passou a não ser mais representado somente fisicamente e sim através do abstrato de nossas mentes. Ainda assim é um símbolo que como tal representa algo a se alcançar. A pergunta, no entanto é, será que alcançaremos o objetivo da nossa busca pelo que é verdadeiramente divino ou haverá uma grande decepção por não encontrá-lo? O mundo moderno é cercado de coisas que ilusoriamente se apresentam como meios seguros para que a fé seja experimentada de maneira eficiente e prática. Todas estas maneiras tentam encontrar o ponto de equilíbrio do sujeito para uma vivência tranquila. Dia após dia surgem propostas que parecem ser seguras, tranquilas, infalíveis e harmoniosas para que encontremos paz. Poderia existir paz com Deus se o adorador mantivesse uma postura de adoração idólatra mesmo que inconsciente? Tillich menciona bem observações que qualquer um pode fazer no cotidiano, pessoas ganham realmente um entusiasmo diferente para realizar obras que, sem algo que as impulsionassem, talvez não pudesse ser realizadas. Os mecanismos criados pelos homens para o exercício da fé deixam as pessoas abastecidas, supridas e emocionalmente resolvidas. Podem até promover uma resistência física e até curar o corpo de alguns males, mas, se não for uma fé dirigida ao incondicional em nossas vidas, ao Deus único e verdadeiro, certamente irá sucumbir e o indivíduo devoto perde o seu sentido orientador para a vida. Certamente o sentido semântico do termo idolatria reclama uma interpretação adequada do termo. É vital para uma vigilância continua quanto a nossa relação com Deus, é essencial para a manutenção desta relação e revela a intenção de Deus quando proibiu as imagens. Deus não admite desvios, sejam quais forem, da adoração que é cabida somente ao Seu nome. Isto é o que significa ser um com o pai, deixar o que é sagrado no campo do sagrado e não elevar coisas materiais a esta categoria, nem sequer misturá-las. Ficar longe da idolatria é vital não apenas para evitar a ira de um Deus zeloso, mas, para permanecermos ativos no seu amor é, portanto, uma maneira de se viver evitando um tender nosso para um desvio da presença de Deus sem o qual nos anulamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOD, Ronald F. Young, F.F. Bruce e R.K. Harrison. Dicionário Ilustrado da Bíblia. São Paulo, Vida Nova, 2004.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. Vol.4. São Paulo. Ed. Saraiva. 1965.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1982.

HORSLEY, Richard A. e John S. Hanson. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.

R. de Vaux. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo. Ed. Teológica, 2003.

TILLICH, Paul. *Dinâmica a fé*. São Leopoldo, RS. Ed. Sinodal, 1974.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1964.